

Prefácio a *Cadernos Negros 5*

Lélia Gonzalez

O esforço extraordinário, efetuado pelo grupo de poetas e escritores negros, para publicarem os *Cadernos Negros*, remete-nos a um certo tipo de reflexão. Estamos falando da questão cultural. Começamos por uma definição de cultura, a fim de que possamos desenvolver esta exposição da maneira mais objetiva possível: cultura é o conjunto de manifestações simbólicas através das quais os sujeitos sociais expressam suas relações com a natureza e entre si. A primeira consequência que a gente tira dessa definição é a de que não se pode falar da cultura, de maneira abstrata, mas de culturas diversas, antagônicas ou não, coexistindo ou não numa mesma sociedade. Por outro lado, a gente sabe que, em sociedades como a nossa, sempre existem os explorados que sustentam uma classe dominante. Por aí já podemos tirar uma outra diferenciação que está implícita na definição apresentada: aquela entre cultura dominante e cultura dominada. Em consequência, fica explicitada a relação entre classe e cultura dominantes, de um lado, e cultura dominada e conjunto dos explorados, de outro.

No caso da formação sócio cultural brasileira não podemos deixar de considerar o tripé que lhe deu origem e que, portanto, é o seu suporte. Estamos falando da contribuição ameríndia, da africana e da europeia. Como indígenas e negros foram escravizados e explorados pelos europeus, suas manifestações culturais têm sido tiradas de cena, recalçadas pela classe dominante de origem europeia (mas bastante mestiçada, do ponto de vista racial), que as classifica como "folclore" e as coloca em museus de curiosidade, de coisas exóticas. Neste sentido, vale recordar aqui a declaração de uma bailarina cubana negra, que sintetizou toda essa questão com a seguinte frase: "Nós somos o folclore e eles são a cultura".

No nosso caso específico, poderíamos dizer que se a coisa ficasse apenas por aí, nesse barato de folclorização, a gente até poderia ser um pouquinho condescendente. Mas acontece que todas as nossas manifestações "folclóricas" sempre foram acompanhadas da presença 'vigilante da polícia dos "culturais" (o Código Penal de 1890 - dois anos após a "libertação" dos escravos - apontava como criminosos, em seu capítulo 13, justamente os "beneficiários" da "Lei Aurea": "vadios" e capoeiras). Nossas instituições "folclóricas", até há pouco tempo, para funcionarem legalmente, tinham que "pedir passagem as delegacias de polícia dos "culturais": estamos falando dos terreiros, blocos, escolas de samba, etc. (hoje a coisa mudou, num certo sentido, porque o sistema capitalista vigente se apropria da produção cultural negra, transformando-a em mercadoria geradora de lucro; mas os produtores culturais continuam violentamente reprimidos). Fica então a pergunta: por que tanta repressão?

Uma das respostas, a meu ver, está justamente no caráter colonizado da classe dominante. Sua preocupação no sentido de afirmar sua "europeidade" está explicitada na ideologia do branqueamento. Apesar de racialmente misturada, ou justamente por isso mesmo, ela faz questão de ser mais realista que o rei. Que se atente, por exemplo, para a publicidade veiculada nas revistas e na tevê, tem-se a impressão de que o Brasil é um país escandinavo, tal a quantidade de modelos (adultos e/ou infantis) louros de olhos azuis. Vale recordar aqui o depoimento de

uma mulher "de sociedade" a respeito de uma amiga sua, europeia, quando de sua vinda ao Brasil. Estavam num baile no Jockey Clube do Rio, quando a europeia deixou escapar a seguinte observação: "É fantástico como existem negros e mestiços por aqui", Referia-se às pessoas presentes no baile. Imagine-se o espanto dos que estavam por perto. Afinal, todos se acreditavam brancos. Por ai se explica todo um esforço no sentido de ocultar o fato de que se tem "um pé na senzala". E como fazê-lo? Mediante todo um modo de ser europeizado que se perpetua na exaltação da ocidentalidade, de sua história, de seus valores.

Como o sentimento de inferioridade é muito forte, sente-se vergonha da indigenidade e, sobretudo, da africanidade que também estão aí, a constituir o pano de fundo de nossa formação sócio cultural. Conseqüentemente, ignora-se tudo sobre essas duas vertentes. E o melhor meio para fazê-lo consiste na elaboração de mitos como o do "brasileiro cordial" e o "da democracia racial", que acobertam a violência (real e simbólica) com que os sujeitos e os valores representativos de senzala e da selva são tratados. Paternalismo e autoritarismo se entrecruzam em diferentes níveis e formas, como expressões típicas da repressão/recalcamento da cultura dominada.

Todavia, como a relação entre cultura dominante e cultura dominada não é estática, do mesmo modo que aquela entre a sala e a cozinha/ senzala também não o é, temos os atos falhos, as "bobeadas", os tropeços que fazem emergir o recalcado com toda a sua força de verdade. Ora, isto remete à necessidade do que alguém já chamou de "mais-repressão". Afinal, não se pode ficar numa de cometer "gaffes" a toda hora, pois não? Não se pode permitir que o negro, o crioulo que se tem dentro de si fique por ai fazendo as suas "negrices". Questão de se ser civilizado, ora. Contenção da voz, do gesto, do corpo, caracterizam a pessoa civilizada.

Ocorre que todo essa contenção explode em violência racial quando o negro concreto (preto ou pardo, me perdoe o IBGE) aparece diante das pessoas "civilizadas". Sua presença é como um testemunho constante a reafirmar que elas não são tão "civilizadas", tão ocidentais, tão europeias, tão "brancas" quanto querem acreditar. Por isso mesmo, e concretamente, também ele tem que ser tirado de cena!^[i]

Com efeito, o que se extrai de tudo isto é que contenção significa, na verdade, repressão; tanto no sentido psicológico quanto social e cultural. Por isso mesmo, em outro texto^[ii], afirmamos que o racismo, em nosso país, é o sintoma da neurose cultural brasileira. Neurose esta que se traduz na negação do caráter pluri-racial e pluri-cultural de nossa formação social e na imposição de uma educação unidirecionada (europocêntrica ou ocidentalizante) que violenta e desrespeita a alteridade. Acontece que pensar uma sociedade de forma democrática implica, fundamentalmente, pensá-la a partir de sua diversidade. Por ai se vê que a decantada "cordialidade" brasileira, assim como a tão exaltada "democracia racial", não passam de mitos elaborados pela ideologia dominante para melhor ocultar a sua violência...

Pelo exposto, percebe-se que, para além das análises sociológicas que têm servido de suporte teórico para as denúncias do Movimento Negro, há que se levar em conta a questão cultural com todas as suas implicações. Afinal, para nós, não

bastam as soluções quantitativas para que a questão racial fique resolvida em nosso país, não basta, por exemplo, que, nas revistas ou na tevê, tenhamos um número maior de modelos negros, proporcional à percentagem correspondente a população negra do país (o mesmo ocorrendo para todas as outras categorias profissionais). Nesse sentido, os Estados Unidos são muito mais uma "democracia racial" do que o Brasil. Com isso, não estamos descartando problemas como o do desemprego, o da discriminação racial no trabalho, o da menor renda do trabalhador negro etc. De maneira nenhuma. Estamos querendo dizer apenas que, se não se leva em conta a questão da violência cultural, a ideologia do branqueamento será amplamente vitoriosa; e, o que é pior, sob a sua forma mais sutil, que é a da plena ocidentalização. Vale notar que não é por acaso que os movimentos mais progressistas, negros ou não, jamais conseguiram amplas bases populares (a Frente Negra Brasileira, apesar de seus equívocos políticos, fica aqui como exceção que só confirma a regra). Joaquim Nabuco já disse que a África civilizou o Brasil porque lhe deu um povo...

E a voz desse povo taí, na fala de Tietra, Cunha, Maciel, Esmeralda, Mesquita, Kibuko, Regina Helena, Minka, José Alberto, Miriam, Márcio, Cuti. Tai, nesse esforço conjunto de jovens poetas que, enfrentando muitas dificuldades materiais, enfrentam sobretudo o silêncio ressentido da cultura dominante. Afinal, a voz do poeta é a fala do sujeito; com suas metáforas, ela diz muito além do que a consciência (dominante) se esforça por afirmar e fazer crer, justamente porque seu compromisso essencial é com a verdade. Senão, vejamos, e para encerrar, o que nos diz um dos nossos poetas, presente nestes Cadernos Negros: "Somos aqueles que foram obrigados a comer espinhos e são obrigados a vomitar flores porque a digestão não se realiza" (Cuti). É isso aí.

Rio de Janeiro, 10/06/82

(In: *Cadernos Negros 5*. São Paulo: Edição dos Autores, 1982, p. 3-6).

Notas:

[i] Por isso mesmo, tais pessoas consideram que seu lugar "natural" seja nas favelas, cortiços, alagados, invasões bairros periféricos, etc. assim como nas prisões e nos hospícios. Acham "normal" o genocídio (físico e cultural) de que a população negra é objeto. Desnecessário dizer que "tais pessoas" constituem a classe dominante e sua ideologia de dominação que se espalha pelo conjunto da sociedade. Vale notar que é por aí que se dá o "branqueamento" de muitos negros.

[ii] "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: *Psicanálise e Política*. Edição da Clínica Social de Psicanálise Anna Katrin Kemper. Rio, março de 1981.